

## FILHOS DE NINGUÉM: RETRATOS DO AUTO ESQUECIMENTO

Andressa Fernanda Silva de Sousa<sup>1</sup>

“FARMING” (Filhos de Ninguém). Adewale Akinnuoye-Agbaje. Reino Unido: Metawork productions e Logical pictures, 2018. Brasil: Amazon Prime Video, 2021. (107 min.).

Filhos de ninguém é um drama de cinema produzido em 2018, lançado nas plataformas de streaming em 2021. É também um relato autobiográfico do diretor e ator Adewale Akinnuoye-Agbaje, descendente nigeriano, que dirigiu e escreveu o roteiro deste filme. Adewale participou de séries como “Oz” (1997) e “Lost” (2004), além de filmes como “Esquadrão suicida” (2016), interpretando o crocodilo (personagem fictício do universo da DC), e “Fique rico ou morra tentando” (2005).

A obra possui duração de 1 hora e 47 minutos, com classificação indicativa para maiores de dezesseis anos. Todos os acontecimentos aconteceram na cidade de Tilbury, Inglaterra, mais precisamente no bairro Kipling, que faz menção à obra O livro da selva (1894) de Rudyard Kipling, como uma sátira a toda a população negra que vivia ali, associando-a ao tipo selvagem ou, ainda, inapropriados para conviverem com os brancos ingleses, considerados por si mesmos como civilizados.

A trama é uma obra cinematográfica impactante e realista. Descreve acontecimentos vividos por milhares de crianças nigerianas que estavam morando no Reino Unido, com foco especial em Enitan, personagem de Damson Idris. É também um vislumbre de um fenômeno chamado farming, um sistema informal em que os pais, normalmente nigerianos, deixavam seus filhos sob a proteção de famílias brancas da classe trabalhadora para que recebessem educação mediante uma quantia em dinheiro destinada a custear o período de permanência da criança naquela família. Residiam no bairro populações operárias, ciganas e desempregados, que eram, em sua maioria, o destino dessas pessoas ainda crianças.

---

<sup>1</sup> Discente de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Atua no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (Pivic). E-mail: fernandaandressa36@gmail.com.

Adewale faz um recorte do período em que viveu com sua mãe adotiva Ingrid Carpenter, vivida por Kate Beckinsale, entre 1960 e 1980. Alguns desafios começam a surgir à medida que vai crescendo e convivendo com crianças brancas na escola, além dos problemas já enfrentados por seus pais adotivos.

O primeiro contato de uma criança preta sobre os desníveis do mundo real, na maioria das vezes, surge em casa, na escola ou lugares frequentados por pessoas adultas que estão no mesmo ambiente que a criança. Diante disso, as percepções, logo na infância, são afetadas pelo modo de ver do outro.

Uma infância sem racismo ou livre de qualquer discriminação racial não era uma realidade para Enitan, e esse parece ser o mesmo ponto para as demais crianças negras. Desse modo, como uma medida para mitigar os danos dessa e de outras violências sofridas, foi criada, em 1946, a Unicef, que trata de um Fundo das Nações Unidas para a Infância, cujo objetivo é garantir e assegurar direitos e o bem-estar para crianças e adolescentes em todos os países (Unicef Brasil, 2010).

Outras medidas que visam à proteção e cuidado às crianças e adolescentes foram formalizadas ao longo do tempo. A Declaração Internacional de Direitos da Criança, elaborada em 1924, pela Save the Children Union, e depois ratificada em 1959 pela ONU, em 1989, a Convenção sobre os Direitos da Criança, também idealizada pela Organização das Nações Unidas e incorporada em outros países no ano seguinte, abriram caminhos para um olhar mais atencioso e o fomento de políticas que pudessem protegê-los.

Campanhas de solidariedade e respeito são idealizadas e incentivadas pela Unicef em todo o mundo. No Brasil, onde mais de 50% das crianças do país são negras ou indígenas<sup>2</sup>, as ações são feitas em rede, mobilizando diversos espaços sociais, como escolas, empresas e a família.

Em comemoração aos seus 60 anos, a Unicef lançou uma cartilha que discute os impactos do racismo na infância, incluindo 10 maneiras para contribuir com uma infância sem racismo em que a primeira delas é de educar a criança para o respeito à diferença. Enitan, personagem do filme, descobriu desde muito cedo que existia uma supremacia branca entrelaçada em todos os lugares que frequentava, inclusive no lar adotivo.

Os skinheads, conhecidos pela cabeça raspada e pelo ódio descomunal às comunidades negras, em uma interpretação mais específica, eram tribos ou gangues vindas da periferia de

---

<sup>2</sup> Cartilha Unicef. O impacto do racismo na infância. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O\\_impacto\\_do\\_racismo\\_na\\_infancia.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O_impacto_do_racismo_na_infancia.pdf). Acesso em: 16 nov. 2023.

Londres, que tinham como ideal a Inglaterra para os ingleses. Os skinheads retratados no filme são os Tilbury skins – até que a morte nos separe, que tinham um lema muito forte de manter a Inglaterra branca. A Europa, entre as décadas de 1960 a 1980, estava colapsada por uma visão clara e transparente no sentido mais real que isso possa alcançar. Ser negro era um motivo de incitação para essas gangues, que não toleravam que seus olhos alcançassem um único sequer.

No livro *Tornar-se negro* (1983), Neusa Santos Souza diz que uma das formas de se exercer autonomia é possuir um discurso sobre si. Enitan era uma criança negra rodeada de pessoas brancas, mais que isso, estava sob as expectativas, as exigências, os olhares, a estética, o comportamento, a classe, a experiência e a ideologia dos brancos supremacistas.

Por um período, Enitan “esquece” de como é ser um jovem negro e é engolido pelo universo violento dos skinheads, o que, no desenrolar da trama, percebemos que era uma busca incessante por um lugar, o sentimento de pertencimento e desejo por uma identidade que ele mesmo construísse ao invés de atribuírem a ele.

Por muito tempo, comunidades negras ao redor de todo o mundo eram ridiculamente levadas ao embranquecimento. Flávio Cerqueira, escultor da obra *Amnésia* (2015), cria uma intrigante arte que questiona o que os europeus fizeram com populações negras brasileiras no século XIX, representando uma criança com os braços erguidos, tendo um balde de tinta branca despejado sobre si. Quanto menos negra for tal população, melhor seria para os que estavam aqui chegando (.).

Ao se descobrir negro, Enitan começa a vivenciar diante de si um auto-ódio tão intenso quanto o que sentiam as gangues britânicas. Não havia mais qualquer semelhança de si com os descendentes nigerianos que conhecia ou até com a professora negra da escola, sendo a única que via alguma possibilidade em Enitan para reverter aquela realidade. Vale ressaltar que o distanciamento vivido pelo personagem e a não identificação de si e sobre si é uma perspectiva que vai além do cultural e da própria aculturação, partindo do psíquico desse indivíduo. Enitan é, a partir de então, o novo integrante dos Tilbury Skins.

“Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas” (Souza, 1983, p. 3). O modelo de aceitação, do que é bom e, acima de tudo, daquilo que é considerado “gente” é o homem branco. O racismo, na sua forma mais vil possível, ultrapassa a rejeição da cor e da melanina. Perde-se a religião, os valores e, principalmente, a identidade.

Ataques e discursos de superioridade são realizados durante todo o filme, e ninguém, com exceção da professora, a senhorita Dapo, interpretada por Gugu Mbatharaw, percebe o aspecto emocional diferente sofrido por Enitan, durante esses acontecimentos. Existe uma negação daquilo que “eu sou” para aquilo que “fizeram eu acreditar que eu sou”, é uma corrida contra um outro competidor que no fundo é você mesmo.

A repressão suscitada pelos grupos supremacistas de skinheads ia muito além da violência física e o de amedrontar alguém. Existe uma destruição histórico-social de não saber quem você é, deixar de ser em prol do objetivo de outros, como uma busca diferente pelo prazer e do reencontrar-se consigo.

O Relatório sobre Justiça racial, não discriminação e antirracismo da União Europeia de 2022 (Parlamento Europeu, 2002), reconhece que o conceito de raça é uma construção social. E ainda prevê que esse mesmo Relatório, anexado ao Plano de Ação da União Europeia, é o primeiro projeto político que reconhece a enorme dimensão que o Racismo causa naqueles que sofrem sob ele.

Tal plano trata-se de um documento aliado ao Relatório, com vistas a promover e proteger valores humanitários na região, servindo também de modelo para outros países, possui como foco a melhoria da liderança da União Europeia em relação aos direitos humanos e simplificar a sua tomada de decisões relativas à dignidade da pessoa.

Diante disso, é previsto no período que vai de 2022 a 2025, tempo de vigência do Plano de ação da UE, que sejam tomadas abordagens firmes, concisas e eficazes para combater o racismo estrutural e o racismo institucional, tão presentes nas décadas de 1960 e 1980.

A diferença no tempo em que se passa o filme é de aproximadamente 62 anos, tendo como referência o ano inicial do Plano de Ação da União Europeia. Numa análise simples e rápida, conseguimos enxergar a ineficácia dos discursos políticos, nas medidas estatais e na abordagem que se ensaia as propostas documentais. Enitan sofreu pela ausência de solidez das leis, pela herança colonial arraigada na construção social dos Estados e teve, conseqüentemente, que conviver com o diferente, imposto a ele.

A perspectiva abordada neste texto buscou trazer, para além do que já conhecemos e daquilo que já se questiona sobre os males irreparáveis do racismo, a sua obscura faceta de negar o indivíduo, de fazê-lo esquecer-se de quem se é, chegando a se afeiçoar com os discursos proferidos sobre ele e contra ele. É e sempre será uma tentativa desesperadora de um lugar, de se sentir útil numa sociedade estranha e inóspita.

Filhos de ninguém é envolvente na medida em que também é desconcertante. Não existe uma cortina sobre os fatos e mostra uma vida experienciada em Tilbury pouco comentada, vivida por meninas e meninos negros em um bairro totalmente alheio a eles.

Toda a construção do roteiro foi pensada e projetada nas telas, permitindo que o espectador perceba que não se trata de um filme que imita a realidade. As poucas lacunas que existem tornam-se plenas em cenas posteriores, deixando-o como referência, ainda que não muito divulgado, de se olhar e evoluir do discurso sobre o combate efetivo do racismo estrutural e institucional.

### REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Flávio. **Amnésia**. MASP de bolso, São Paulo: MASP, 2020. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/amnesia>. Acesso em: 16 nov. 2023.

PARLAMENTO Europeu. Relatório sobre justiça racial, não discriminação e antirracismo na UE, 2022. Disponível em: [https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/A-9-2022-0254\\_PT.html](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/A-9-2022-0254_PT.html). Acesso em: 16 nov. 2023.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**. Coleção Tendências. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

UNICEF Brasil. **O impacto do racismo na infância**. Unicef: Brasília, 20 nov. 2010. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O\\_impacto\\_do\\_racismo\\_na\\_infancia.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/1731/file/O_impacto_do_racismo_na_infancia.pdf). Acesso em: 16 nov. 2023.

Enviado em: 08/01/2024  
Aceito em: 31/10/2024